

O “desenvolvimento econômico” e a “degradação ambiental” como temas fundamentais na obra de Warren Dean¹

JOÃO RAFAEL MORAES DE OLIVEIRA*

“Nasci em uma cidade altamente industrial, no Estado de New Jersey, à sombra de várias fábricas. O problema da poluição é, assim, uma coisa que está na minha genética. Em 1932, quando eu nasci, a época da depressão marcou a minha vida, mas permitiu, inclusive, que eu conhecesse a questão do desenvolvimento econômico também”

Warren Dean, em entrevista à Maria Luisa Nabinger de Almeida, em 1985.

O texto que ora apresentamos é resultado parcial de pesquisa desenvolvida no curso de doutoramento, que tem por objetivo geral compreender em sua multiplicidade a História Ambiental desenvolvida pelo historiador norte-americano Warren Dean, a partir de uma análise da sua obra historiográfica e de dados biográficos.

Propomos, aqui, um exame do artigo intitulado “Economic Development and Environmental Deterioration”, publicado por Warren Dean em 1972, à luz do debate mais amplo da “questão ambiental”, que marcou o contexto ocidental a partir da década de 1960. Aponta-se, assim, para um historiador mergulhado no debate das principais questões de seu tempo, tomando a dimensão individual enquanto a sociedade é para o indivíduo a realidade orgânica, para a qual ele tende (MOTA, 1978). A pretensão deste texto é identificar o momento de gestação de alguns dos pressupostos do pensamento do autor a respeito do “desenvolvimento econômico” e “degradação ambiental”, temas basilares de sua obra posterior de História Ambiental.

¹ Texto preparado para apresentação no Simpósio Temático “História Ambiental: discussões teóricas e pesquisas empíricas” do XXVI Simpósio Nacional de História, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011.

* Doutorando no programa de pós-graduação em História da UNESP/Campus de Assis, bolsista Capes.

O cenário historiográfico no Ocidente assistiu, desde os anos 1960, a uma série de abalos nas suas estruturas, como a fé no progresso e na civilização do mundo moderno. Este foi um contexto em que “as velhas certezas que caracterizavam a razão ocidental foram radicalmente questionadas” (MALERBA, 2009: 20). O conceito de “desenvolvimento econômico” foi posto em xeque, diante da crescente percepção de uma crise ambiental planetária, manifestada, dentre outros aspectos, pelo esgotamento dos recursos naturais não-renováveis, particularmente os fósseis, sobre os quais se apoiaram a “civilização industrial”; pela poluição; destruição dos ecossistemas; extinção de espécies; pela distribuição desigual de recursos; pelas mudanças climáticas provocadas pela emissão de gases e com a destruição do equilíbrio dos sistemas (SOFFIATI, 2008: 14).

O Clube de Roma, um grupo de pesquisadores que se reuniu para debater assuntos relacionados ao desenvolvimento e o meio ambiente, foi o maior propagador dessas discussões (RIBEIRO, 2001: 77). Formado em 1968, o grupo, em conjunto com a Associação Potomac e o *Massachusetts Institute of Technology*, publicou o relatório *Os limites do Crescimento*, que influenciou os debates que ocorreram em torno da Conferência sobre o Meio Ambiente Humano, ocorrida em Estocolmo, na Suécia, em 1972².

A atenção desses estudiosos estava voltada ao estabelecimento de modelos globais, projetados para prognosticar como seria o futuro se todos os países continuassem crescendo num ritmo acelerado. Apontavam, então, para os limites do crescimento, isto é, o padrão desorganizado de desenvolvimento, sem atentar para os custos sócio-ambientais, conduziria o mundo ao colapso. A gestão de novas formas societárias de relacionamento homem-natureza, em níveis mais harmoniosos, impunha-se como o grande desafio à modernidade (CUNHA, 2000: 115).

Foi na Conferência de Estocolmo, que marcou o ambientalismo internacional, onde teve lugar os principais debates, sobretudo em relação aos temas da poluição e a pressão exercida pelo crescimento demográfico sobre os recursos naturais. Nesse contexto, surgiram propostas de controle de natalidade e do próprio crescimento

² Um relatório não-oficial da Conferência, “Uma Terra somente”, organizado por Bárbara Ward e René Dubos, também registrou informações de especialistas sobre “as relações entre Homem e seu habitat natural numa época em que a atividade humana está causando efeitos profundos sobre o ambiente” (WARD, 1973, p. 15)

econômico de países periféricos, resultando em um intenso debate entre os desenvolvimentistas e os zeristas. Segundo Wagner Costa Ribeiro, estas duas teses comandaram as discussões durante a reunião em Estocolmo:

Os primeiros eram representados pelos países pobres, que desejavam o desenvolvimento. Os segundos, baseados no relatório Limites para o crescimento, que indicava uma escassez de recursos naturais para prover a base material da existência segundo o padrão capitalista de produção e consumo, sugeriram o crescimento zero da economia dos países pobres (RIBEIRO, 2010: 76).

Essas teses também passaram a permear a discussão que se fazia sobre o desenvolvimento/subdesenvolvimento na América Latina. Abandonava-se a hipótese de um espaço exterior ilimitado, assumindo-se como premissa, em termos de análise, “que o processo de civilização, e mais particularmente a variante desse processo engendrada pela revolução industrial, ter um caráter predatório agudo” (FURTADO, *In* ANDRADE, 1975: 71).

Nos Estados Unidos, à medida que cresciam os movimentos ambientalistas e se sucediam conferências contra uma crise global, os trabalhos acadêmicos também eram afetados. Os historiadores, organizados em núcleos acadêmicos especializados nesses temas, não ficaram de fora do debate, oferecendo explicações à essas diversas questões. Estava nascendo a *Environmental History*.

Levados a responder aos questionamentos do seu tempo, o objetivo principal dos historiadores ambientais tornou-se, segundo Donald Worster, “aprofundar o entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural, e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (WORSTER, 1991: 200). Como novidade temática, as pesquisas passaram a se interessar no exame das relações entre as sociedades e o mundo natural, tratando do papel e do lugar da natureza na vida humana, descobrindo “forças” muitas vezes independentes às nossas vontades, que estimulam reações, defesas e ambições.

Esses são alguns dos elementos que catalisaram a curiosidade, o interesse e as motivações dos estudiosos diante da realidade sul-americana no início da década de

1970. É neste terreno, portanto, que Warren Dean iniciou o cultivo de seus trabalhos histórico-ambientais.

A trajetória intelectual de Warren Dean até 1972

Warren Dean nasceu no ano de 1932, na cidade de Passaic, no estado de Nova Jersey, Estados Unidos, no seio de uma família de enérgicos protestantes da Nova Inglaterra, por parte do pai, e de imigrantes húngaros católicos, pelo lado materno. A região, que tinha sua principal fonte de trabalho centrada na indústria têxtil, refletia a crise nacional despertada pela Grande Depressão. A experiência familiar daqueles tempos de recessão econômica imprimiu marcas profundas na forma como Warren Dean analisou, posteriormente, a questão do desenvolvimento econômico e suas conseqüências sócio-ambientais. Conforme revela o próprio autor, este período inicial de sua vida o forjou como “alguém que sempre teria dificuldades em aceitar a prosperidade fácil e o consumismo do pós-guerra e nunca deixaria de questionar as fontes e os limites de tanto esbanjamento” (DEAN, em MEIHY, 1990: 271).

Durante a graduação, concluída em 1953 na Universidade de Miami, Dean concentrou seus estudos em ciência política. Seu interesse pela História teve início com a prática docente. No início da década de 1960, elegeu a América Latina como recorte geográfico de pesquisa. Não foi sem razão. O governo norte-americano instituíra o *National Defense Education Act* e passara a financiar estudos de áreas pouco conhecidas pelo governo. Dessa forma, jovens estudantes interessados em desenvolver pesquisas de pós-graduação começaram a encontrar apoio nas diversas instituições educacionais daquele país. Ressalte-se, portanto, que a “geração” de *Latin americanists*, a qual pertenceu Warren Dean, encontrou uma grande motivação externa para a realização de pesquisa, “promovida pelo governo e pelas agências financiadoras de pesquisas: bolsas de estudos, oportunidades de emprego e ausência de competitividade nos projetos” (MEIHY, 1990: 19). Jurandir Malerba é mais categórico ao afirmar que “A *intelligentsia* americana foi constantemente estimulada a definir sua agenda sob o impulso mais que convincente da disponibilidade de fundos” (MALERBA, op. cit: 28).

Warren Dean foi aceito na Universidade da Flórida, campus de Gainesville e, aproveitando-se de uma bolsa de estudos, passou um verão na Universidade de Havana, vivenciando a Revolução Cubana “em primeira mão”. Em 1961, defendeu seu mestrado

sobre a História Econômica de Cuba nos anos 1930, intitulado “Cuba in the Great Depression”.

O crescimento da crise entre Estados Unidos e o país caribenho após a revolução, forçou o historiador a mudar seu foco, embora conservando-se interessado pela América Latina “potencialmente revolucionária”. Motivado, dentre outras razões, pela leitura de a “Pré-Revolução Brasileira”, de Celso Furtado, tornou-se, então, um “brasilianista”.

Antes de embarcar para o Brasil, Warren Dean passou um semestre na Universidade de Colúmbia – reduto importante de especialistas em Brasil, principalmente pela presença do antropólogo Charles Wagley – financiado pela *Foreign Area Training Program*, programa da Fundação Ford, freqüentando o curso do economista alemão Albert Hirschman, de quem recebeu influência. Vale destacar que Hirschman era um dos pioneiros do novo campo de pesquisa da economia do desenvolvimento que emergira no final da segunda guerra. Havia tido profunda experiência profissional em países latino-americanos “subdesenvolvidos” e, assim, seus trabalhos “tiveram um efeito de recrutamento, ajudando a tornar o novo campo de desenvolvimento econômico atraente e excitante para muitos jovens pesquisadores”. (BIANCHI, 2007). No Brasil, Dean passou a estudar o processo de industrialização implementado em São Paulo, o surgimento do empresariado e de uma burguesia nacional. Sob orientação teórica básica nos trabalhos de Joseph Schumpeter, o autor voltou para a Universidade da Flórida, onde defendeu sua tese de doutorado em 1964, com o título *São Paulo's industrial elite, 1890-1960*.

Em 1965 Warren Dean foi nomeado professor associado em História na Universidade do Texas, em Austin, destacado centro de estudos latino-americanos. Em Austin, Dean iniciou seus estudos de pós-doutorado, desenvolvendo pesquisa sobre as origens econômicas e sociais dos industriais paulistas e o papel que representaram no desenvolvimento econômico do Brasil. Pesquisou a história política de São Paulo, a organização do Partido Republicano Paulista e as relações desse estado com a política nacional durante a primeira República. Dessa sua passagem pela Universidade do Texas resultaram, ainda, seu estudo sobre o sistema de *plantation* em Rio Claro, um reexame das preocupações levantadas por Stanley Stein sobre Vassouras, um “município fluminense do café”, dando maior ênfase na política local e nas relações com o governo

do estado; e a publicação, em 1969, do seu livro “The Industrialization of São Paulo, 1880-1945”. No entanto, descontente com o “conservadorismo” e o “provincianismo” de Austin, Dean mudou-se para Nova York em 1970, para trabalhar no *Center for Latin American and Caribbean Studies* da Universidade de Nova York. Nas suas palavras: “foi o começo de uma outra etapa em minha carreira (...). Em um novo ambiente, foi possível desenvolver pesquisas baseadas em novas linhas de investigação” (DEAN, em MEIHY, 1990: 279).

Embalado nas “ondas ecológicas” que invadiram a historiografia norte-americana na década de 1970, Dean começava a dar sinais de uma guinada teórico-metodológica significativa em sua trajetória de historiador econômico. Voltava-se para as conseqüências da expansão de uma economia industrial, na problemática histórica dos obstáculos ao desenvolvimento industrial, sob um viés ecológico. Conforme ele mesmo nos revela: “conscientizei-me da gravidade e do risco implicado no tipo de desenvolvimento econômico que o mundo tem experimentado nos últimos cem anos” (Id. Ibid: 277). Essa mudança é reflexo, também, do seu novo ambiente de trabalho.

Em Nova York, suas preocupações tornaram-se “cosmopolitas”, atingindo os principais e mais novos debates acadêmicos e sociais norte e sul-americanos, como o “desenvolvimento econômico” e a “degradação ambiental”, que balizaram a sua obra a partir de então.

“Economic Development and Environmental Deterioration”

Influenciado pelo contexto de profundas transformações culturais, científicas e acadêmicas, Warren Dean publicou, em 1972, um artigo no periódico *Studies In Comparative International Development (SCID)*, alertando para o que os ecologistas vinham propondo: “É possível que o padrão demográfico e de consumo continuem aumentando, sendo os recursos do planeta finitos e a biosfera incapaz de sustentar novas intervenções humanas?” (DEAN, 1972: 269)³. A partir deste desafio imposto ao conceito de desenvolvimento econômico, a atenção de Dean é dirigida diretamente para

³ A tradução do artigo de Warren Dean é do próprio autor deste texto.

esta outra questão: quais serão os efeitos sobre a biosfera se os países da América Latina continuarem com a sua política de crescimento atual?

Warren enfrentou este desafio, no artigo, baseado numa espécie de “teoria da interdependência” ou abordagem “ecossistêmica” dos problemas ambientais. A perspectiva adotada é da análise comparativa dos padrões de desenvolvimento entre os países industrializados e aqueles em processo de industrialização da América Latina. Parte-se de uma argumentação hipotético-dedutiva especulando, inclusive, sobre os possíveis resultados da não alteração desses padrões de desenvolvimento. Dean parece, dessa forma, querer “jogar o jogo” de Eugene Odum, que escreveu:

Predizer o futuro é um jogo fascinante, popular especialmente em tempo de crise. (...) Existem simplesmente demasiadas incógnitas, demasiados novos eventos, inovações tecnológicas e outros fatores que não podem ser previstos. No entanto, é instrutivo considerar-se uma variedade de cenários alternativos que poderiam acontecer. Poderemos, então, estimar a sua probabilidade, dadas as condições, a compreensão e conhecimento atuais. Mais importante, talvez possamos fazer alguma coisa agora para reduzir a probabilidade de um futuro indesejável (ODUM, 1988: 341).

Toda a argumentação de Dean está fundamentada na premissa segundo a qual toda apropriação da natureza por parte do homem atenta aos equilíbrios ecológicos ou, em outras palavras: “Espalhados pelo planeta estão os remanescentes de catástrofes ecológicas de eras passadas” (ERLICH, 1974, p. 277). Algumas influências são marcantes: além das idéias de controle do crescimento populacional do demógrafo Paul Erlich, os economistas John Kenneth Galbraith, que escreveu sobre a *sociedade afluyente* e a racionalidade produtivista e Karl William Kapp, um dos precursores da economia ecológica, Ezra Mishan, sobre os custos do crescimento econômico, e os trabalhos sobre a Ecologia e as Ciências Sociais de Howard e Eugene Odum, pai e filho.

Warren Dean apresenta certos pressupostos ao logo do texto que nos permite identificar a forma como ele se posicionou diante dos temas do “desenvolvimento econômico” e “degradação ambiental”, como problemas que se apresentavam à realidade latino-americana, foco de suas pesquisas.

I – As mudanças ambientais são mais profundas a partir da Revolução Industrial, entendida como um fenômeno global (DEAN, op. cit.: 278).

Nesse processo histórico, o espaço geográfico da América Latina foi marcado pela exploração dos recursos naturais destinados ao fornecimento de matérias-primas aos países industrializados. Embora o desenvolvimento tecnológico tenha resultado em melhorias, como a diminuição da fome, por exemplo, desencadeou, por conseguinte, uma mudança ambiental significativa nos países subdesenvolvidos, como a devastação de florestas para o estabelecimento de plantações e barragens e o crescimento da população que, segundo Dean, é um grande causador de impacto ao meio ambiente (Id. *Ibid.*: 279).

II – “O aumento da produtividade dos países desenvolvidos teve efeitos perversos, em logo prazo, sobre o meio ambiente dos países pobres” (Id. *Ibid.*: 279).

Numa abordagem sistêmica, Dean observa que os países industrializados são mais perigosos para o equilíbrio ecológico do que os países subdesenvolvidos, sobretudo porque essas depredações são causadas pelo desejo de reduzir custos, explorando recursos "livres", tal como o ar e a água. As pessoas dos países industrializados são conduzidas por uma lógica empresarial que consiste em internalizar os lucros e externalizar os custos sócio-ambientais. No longo prazo, as conseqüências dessas práticas, possivelmente irreversíveis, são aterrorizantes (Id. *Ibid.*: 280).

Para identificar as diretrizes específicas das estratégias para corrigir essas desigualdades, Warren Dean avalia as condições políticas, econômicas e culturais dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos⁴. Uma saída “óbvia” seria a melhor distribuição de renda e riqueza. Mas Dean não acredita que essa seja uma saída possível. O autor especula, então, sobre a possibilidade de o mundo já industrializado resolver a crise ambiental. Para ele: “a proteção do ambiente por meio de um redirecionamento da técnica e do capital se apresenta como o único cenário concebível para alcançar um ambiente não poluído” (Id. *Ibid.*: 281). No entanto, neste meio tempo, os países subdesenvolvidos se desenvolvem, seguindo, guiados por suas elites, os padrões de desenvolvimento dos países industrializados.

⁴ Vale destacar aqui a posição de Celso Furtado, o qual coloca em xeque a própria “estrutura do sistema capitalista”, afirmando que: “Qualquer tentativa para reduzir a distância entre os países pobres e ricos dentro da estrutura do sistema atual, aumentará dramaticamente a pressão sobre recursos não-renováveis”, pois a generalização do estilo de vida criado pelo capitalismo industrial “precipitaria o colapso do sistema como um todo” (FURTADO, *In* ANDRADE, 1975: 84).

III – “O processo de desenvolvimento econômico de grande parte do mundo subdesenvolvido, e que pode ser previsto, irá multiplicar os efeitos adversos das intervenções ambientais por parte dos países já industrializados” (Id. Ibid.: 281).

Warren Dean destaca as características que julga representar o padrão de desenvolvimento “insustentável” dos países da América Latina: A – O processo de industrialização não foi induzido pelos governos latino-americanos a fim de produzir um padrão mínimo de vida para sua população, nem para tornar mais eficientes as demandas do aumento populacional ante os recursos naturais limitados; B – Há pouca simpatia para o controle populacional na América Latina; C – Os latino-americanos não estão prontos para preservar o mundo natural. Em um grau ainda mais profundo que na sociedade norte-americana, o mundo natural é considerado sujeito à dominação humana. A natureza parece hostil ou inesgotável, e estas qualidades serviam para justificar a sua depredação; D – Os planejadores do desenvolvimento e empresários consideram dispendioso limitar a degradação do meio ambiente por estar além dos meios da economia subdesenvolvida. A única medida do seu desempenho é a produtividade (Id. Ibid.: 282).

Portanto, “a eventualidade de todos os habitantes da Terra consumir, poluir e dissipar energia num ritmo atual dos Estados Unidos pode ser impossível de se realizar” (Id. Ibid.: 283). Para argumentar a favor dessa hipótese, Warren Dean apresenta dois fatores críticos para um planejamento do desenvolvimento na América Latina: a disponibilidade de recursos não-renováveis e os recursos do solo. Para ambos, o autor apresenta um cenário catastrófico: tanto em relação a possibilidade de aumento da produção agrícola quanto no uso do petróleo e de outros minerais. Assim, na opinião de Dean, é improvável que os países subdesenvolvidos atinjam os padrões de consumo, mesmo os de alimentos, dos países desenvolvidos (Id. Ibid.: 286).

Diferentemente de outros trabalhos que propuseram estratégias e diretrizes para o planejamento de um outro modelo de desenvolvimento⁵, o artigo escrito por Warren Dean é sobrecarregado por um tom de alerta e denúncia. Vale dizer que a crença do autor no uso da técnica e do capital para produzir soluções plausíveis à crise ambiental é um tanto severa para com os países em desenvolvimento. O ceticismo que permeia o

⁵ Podemos citar, a título de exemplo, “Meio Ambiente, Desenvolvimento e Subdesenvolvimento”, livro que reúne trabalhos, dentre outros, de Ignacy Sachs e Celso Furtado, que enfrentaram estas questões.

texto pode ser percebido nas linhas finais do texto: “a única maneira de conseguir a igualdade é através da redistribuição, ainda que esta conclusão seja tão impensável como uma outra guerra mundial” (Id. Ibid.: 286).

A crítica que emergiu com a “questão ambiental” na abertura da década de 1970, dirigiu-se ao modelo de desenvolvimento econômico vigente, à “civilização industrial”, apontando para um conflito entre crescimento econômico e preservação dos recursos ambientais. Diante desse contexto Warren Dean passou a se ocupar do estudo das relações materiais entre as sociedades e os ecossistemas; da história de como os ecossistemas tem sido transformados profundamente pelas forças da economia mundial durante os séculos XIX e XX; das interrelações entre expansão territorial, bens de exportação e novos conhecimentos.

Os temas de desenvolvimento econômico e de degradação ambiental foram reexaminados por Warren Dean em seus trabalhos posteriores. O ceticismo de Warren Dean quanto ao “desenvolvimento econômico” teria o conduzido a uma Ética Biocêntrica? Seus trabalhos de História Ambiental revelam uma tomada de posição mais radical, em termos conservacionista? Estas novas hipóteses devem ser estudadas na seqüência desta pesquisa.

Fontes consultadas:

DEAN, Warren. “Economic Development and Environmental Deterioration”. In: *Studies In Comparative International Development (SCID)*, volume 7, nº 3, setembro de 1972.

_____. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ELLISON, Fred P. “Levantamento dos estudos brasileiros na Universidade do Texas, Austin”. Trad. Cristina Argenton Colonelli. In: *Anais do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros*, São Paulo, IEB, 1972, vol. III, pp. 87-134.

LEVINE, Robert M. “Obituary: Warren Dean (1932-1994)”. *The Hispanic American Historical Review*. 74 (4), 1994, p. 689.

WARREN DEAN (1932-1994): An Appreciation, *Occasional Papers*: New York University Center for Latin American and Caribbean Studies, n. 48, 1996.

PRADO, Maria Ligia C. “Warren Dean”. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, 1995, p. 91-93.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. “Warren Dean: Um Brazilianista acima de qualquer suspeita”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, 1994, p. 205-211.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Manuel Correia (et. al.). *Meio Ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1975.

BIANCHI, Ana Maria. “Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico”. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 16, n. 2 (30), p. 131-150, ago. 2007.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. “Desenvolvimento versus Conservação da Natureza: notas gerais sobre o tema”. *Revista Humanas*, (9), Curitiba, 2000.

DORST, Jean. *Antes que a natureza morra: por uma ecologia política*. Trad. Rita Buongermino. São Paulo: Edgard Blucher, 1973.

GALBRAITH, John K. *A sociedade afluyente*. Trad. Jaime Monteiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

MALERBA, Jurandir. *A História da América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.

MEADOWS, Donella H. (et. al.). *Limites do Crescimento*. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978 (Coleção debates 90).

MICELI, Sérgio. *A desilusão americana - relações acadêmicas e intelectuais entre o Brasil e os Estados Unidos*. São Paulo: Editora Sumaré/IDESP, 1990.

MISHAN, Ezra. *Desenvolvimento a que preço?*. Trad. Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1976.

MOTA, Carlos Guilherme (org). *Lucien Febvre: história*. São Paulo: Ática, 1978.

ODUM, Eugene Pleasants. *Ecologia*. Trad. Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PÁDUA, José Augusto. “As bases teóricas da história ambiental”. *Estudos Avançados*, 24 (68), 2010.

RIBEIRO, Wagner Costa. *A ordem ambiental internacional*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. “Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais”. *Estudos Avançados*, 24 (68), 2010.

SACHS, Ignacy. “Sociedade, Cultura e Meio Ambiente”. In: *Mundo & Vida*, vol. 2 (1), 2000.

SOFFIATI, Arthur. “Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 13-26, jul./dez. 2008.

WARD, Bárbara, DUBOS, René. *Uma terra somente: a preservação de um pequeno planeta*. São Paulo: Edgard Bluncher, 1973.

WORSTER, Donald. “Para Fazer História Ambiental”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4 (8), 1991.